

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

**A EDUCAÇÃO DO IDOSO: NOVOS OLHARES A PARTIR DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE
ENVELHECIMENTO E EDUCAÇÃO EM UMA UNIVERSIDADE ABERTA À
TERCEIRA IDADE**

Lauren Mariana Mennocchi¹; Lúcia Pereira Leite²

Universidade Estadual Paulista - UNESP Bauru

Apoio Financeiro: CAPES

lamennocchi@hotmail.com; lucialeite@fc.unesp.br

Problemática Estudada

O segmento mais envelhecido da população mundial, incluindo a população brasileira, sofreu um rápido aumento a partir dos anos 60, quando começou a crescer em ritmo bem mais acelerado do que as populações adulta e jovem. Desde então, a proporção da população idosa sobre a população total passou de 3%, na década de 80, para 8% nos dias atuais. Há expectativas de que até 2020 esse número venha a dobrar, semelhante ao que já ocorreu em vários países europeus, nos Estados Unidos, Canadá e Japão e atinja um índice superior à 23% em 2050.

As profundas modificações sociais vivenciadas já em meados do século XX, com as grandes conquistas na área médica, adequações das condições de urbanização, alimentação, higiene, moradia e trabalho, refletiram no aumento da expectativa de vida ao nascer, ou seja, no prolongamento da vida humana.

Entretanto, apesar do reconhecimento da necessidade de recursos específicos para o atendimento dessa nova demanda populacional, no Brasil, foi somente nas últimas décadas que ações foram planejadas em diferentes esferas da estrutura econômica, política e cultural da sociedade com essa finalidade, o que fez com que a

¹ Psicóloga e Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem – Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Campus de Bauru

² Psicóloga, Professora Doutora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem – Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Campus de Bauru – Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01/ Vargem Limpa – CEP 17033-360 – Bauru/SP

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

velhice se tornasse tema privilegiado de investigação nas distintas áreas do conhecimento científico, elevando substancialmente o volume de obras publicadas sobre o assunto nos últimos anos.

A política de desenvolvimento que domina as sociedades industrializadas e urbanizadas sempre teve mais interesse na assistência materno-infantil e dirigida ao público infanto-juvenil. O investimento numa criança tem um retorno potencial de 50 a 60 anos de vida produtiva, enquanto cuidados médico-sociais para o idoso, comumente, não podem ser encarados como investimentos dentro dessa mesma lógica.

A justificativa para esse novo posicionamento com relação à velhice seria, ainda dentro do mesmo raciocínio, o aumento do tempo de vida produtivo da população e a diminuição dos gastos da família e do Estado nos campos da saúde e previdência social.

Independentemente da aceitação desse argumento, numerosos outros podem ser citados em favor da promoção e integração dos idosos na vida social. O principal deles é que os serviços destinados às pessoas idosas podem promover a reflexão sobre as questões sociais envolvidas no processo de envelhecimento humano, não somente dentro desse grupo etário, mas em toda a sociedade e, sobretudo, favorecer a ressignificação da vida nesse período, conferindo-lhes e restaurando-lhes assim, o *status* social de cidadãos (Debert, 1996).

Essas novas reflexões sobre velhice e envelhecimento tornaram-se possíveis especialmente a partir da década de 50, quando a preocupação com a questão da velhice (sempre presente em quase todas as culturas e tempos) foi ganhando novos aspectos a partir do aumento da produção científica sobre o tema e da conciliação entre os conceitos de envelhecimento e desenvolvimento humano.

A Psicologia, especialmente com a perspectiva do Curso de Vida (*Life Span*) trouxe um novo olhar sobre o envelhecer considerando que este é uma propriedade exclusiva dos organismos vivos e que para os seres humanos compreende os processos de transformação do organismo que ocorrem após a maturação sexual e que implicam na diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência. Esses processos são de natureza interacional, iniciam-se em diferentes épocas e ritmos e acarretam resultados distintos para as diversas partes e funções do organismo (Neri, 2001).



Essas transformações, que ocorrem durante todo o curso de vida, não somente se referem aos ganhos em um movimento unidirecional de crescimento dos organismos, mas às perdas decorrentes desse mesmo processo, contudo, admitindo-se que, na infância, existe maior probabilidade das mudanças ocorridas serem identificadas como ganhos e, na velhice, identificadas como perdas, justamente porque o desenvolvimento é referenciado em normas compatíveis com o funcionamento de um adulto sadio, produtivo e envolvido socialmente.

Sendo assim, mais que uma fase de desenvolvimento, a velhice e o envelhecimento humano são categorias histórica e socialmente construídas, a exemplo da diversidade do lugar social do idoso no contexto histórico social desde os tempos antigos até os dias atuais. A velhice não é uma categorial universal e, tal qual outras etapas do ciclo da vida, é elaborada simbolicamente pelos sujeitos.

Significada de modos diferentes, a velhice foi ganhando novos aspectos na sociedade contemporânea chegando a ser possível, atualmente, se pensar em questões relativas à educação do idoso – aspecto este anteriormente negligenciado, uma vez que, de modo geral, as concepções de velhice não abarcavam possibilidades de desenvolvimento, mudança ou ganhos nessa fase da vida (Goldman, 1999).

Foi na década de 70 somente, com a intensificação do envelhecimento demográfico que, na França, surgiu uma primeira proposta de serviço de atenção ao idoso diferente dos modelos comuns até então, com caráter unicamente assistencialista.

Inicialmente com o objetivo único de ocupação do tempo livre, as Universidades Abertas à Terceira Idade, UNATIs como foram chamadas, começaram a ganhar novos contornos extrapolando a proposta inicial de ocupação do tempo livre dos idosos e buscando objetivos relacionados à melhoria dos níveis de saúde física, mental e social das pessoas idosas, bem como a elaboração de programas e atividades particularmente adaptadas a esse segmento populacional.

Ainda hoje, as UNATIs se apresentam como propostas inovadoras à população idosa, na medida em que buscam mais que a ocupação do tempo livre. O objetivo principal dos programas dessa natureza é criar condições para que os idosos se

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

apropriem de conhecimentos, constroem-se enquanto sujeitos, convivendo com seus pares e com a comunidade em geral, inclusive com jovens estudantes.

Foi a partir das muitas possibilidades reconhecidas nas propostas das UNATIs e da ausência de produções científicas voltadas à compreensão do processo educacional na velhice que este trabalho buscou investigar as Representações Sociais de professores e alunos sobre envelhecimento humano e educação.

Apesar de não voltadas à compreensão do processo de envelhecimento humano, a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, Leontiev e Luria pautou as reflexões deste estudo, na medida em que oferece uma visão crítica à naturalização do ser humano na Psicologia e do seu processo de desenvolvimento em qualquer fase da vida e a superação do olhar que considera apenas os aspectos biológicos associados aos marcadores etários (Vygotsky, 1994; 1997).

A Teoria das Representações Sociais, foi tomada como subsídio à investigação e compreensão dos objetivos da presente pesquisa por se configurar enquanto um conjunto estruturado de conhecimentos teóricos e metodológicos que permitem conhecer a forma como as pessoas (idosas ou não) constroem significados ao período da vida denominado velhice, a partir da sua própria experiência individual e a partir de conhecimentos cotidianos e científicos, incorporados aos seus discursos (Moscovici, 1978; Jodelet, 1996).

Com a adoção desta perspectiva de análise, surge uma possibilidade concreta de se estudar as relações sociais e como estas estão associadas à forma e aos motivos das pessoas pensarem e agirem de determinadas maneiras, o que, em síntese, significa afirmar o caráter histórico e cultural do ser humano e, conseqüentemente, do seu desenvolvimento.

Procedimento

Participaram deste estudo 30 alunos e 18 professores vinculados a uma UNATI localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo, depois de voluntariamente aceitarem participar e assinarem um termo de consentimento (de acordo com a Resolução nº 196/96).

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Os dois grupos de participantes responderam, conforme a ordem citada, a três instrumentos de coleta de dados, sendo eles: *Escala de Diferencial Semântico de Crenças em Relação à Velhice* (Neri, 1991), com objetivo de conhecer as representações associadas à velhice e ao envelhecimento; *Escala de Expectativas em Relação ao Programa* (Cachioni, 1999), para obter dados relativos aos motivos de ingresso no programa, os benefícios percebidos e as mudanças na auto-imagem decorrentes da frequência na UNATI e um *Questionário* com questões abertas especialmente voltado à investigação dos aspectos metodológicos das atividades propostas pelo programa.

Foram realizadas apenas algumas pequenas modificações nos instrumentos de coleta de dados com o objetivo de adequar as questões ao participante respondente e às atividades que ele desenvolve no programa – ministra aulas ou participa de atividades, por exemplo.

Os dados obtidos pelas escalas foram analisados estatisticamente para que se verificasse a ocorrência de diferenças significativas entre a forma como professores e alunos atribuíram características positivas e negativas à pessoa idosa (*Teste “t” de Student* para a comparação entre as médias dos dois grupos).

Os dados obtidos através dos questionários foram interpretados pautando-se nos pressupostos da Análise do Discurso (Bardin, 1977). Depois de respondidos os questionários, foi realizada uma leitura minuciosa, na qual surgiram as primeiras hipóteses e questões norteadoras, em função das teorias conhecidas acerca dos objetivos deste estudo. Foram detectados conjuntos de idéias que se evidenciavam e enumeradas as unidades de significados presentes nos discursos dos participantes, buscando-se ao máximo, preservar a forma como se apresentavam na idéia original.

Foi realizada a categorização inicial das respostas de alunos e professores, bem como a análise das respostas de cada um dos grupos. Por fim, foram apontadas algumas aproximações e divergências entre ambos.

Conclusões

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Observou-se, de modo geral, que as representações dos professores sobre a pessoa idosa, velhice e aprendizagem nessa fase da vida foram mais positivas que as representações dos próprios alunos do programa.

Nos dados obtidos através da *Escala de Diferencial Semântico de Crenças em Relação à Velhice*, professores e alunos revelaram representações bastante positivas dessa fase da vida. Especialmente no grupo composto por professores, os itens referentes à sabedoria, autonomia dos sujeitos e instrumentalidade para a realização de atividades foram muito bem avaliados.

Para os professores os idosos são entusiasmados, ativos, esperançosos, independentes e produtivos. Somente no item saudável é que a média do grupo docente revelou uma avaliação menos positiva que a do grupo de alunos idosos.

Tais resultados podem indicar que os professores, em sua maioria, jovens universitários, concebem de forma mais positiva e até gratificante o processo de envelhecimento e vivência da velhice, em razão, possivelmente, da convivência com pessoas mais velhas. Esse “aprendizado sobre a velhice” é um dos grandes benefícios dos programas voltados a pessoas idosas que congregam gerações diferentes em um único espaço, compartilhando saberes e experiências.

Os resultados encontrados por Venturini e Bokany (2007), em uma grande pesquisa a respeito das representações da velhice com pessoas jovens e idosas, revelaram que a imagem que os não idosos têm da velhice é mais negativa e portanto, preconceituosa, que a avaliação que os próprios idosos fazem de sua condição.

Estes dados, em razão de sua grande abrangência no território nacional e confiabilidade metodológica, podem também, em certa medida, validar a hipótese explicativa dos resultados encontrados na presente pesquisa. Se comparados os resultados obtidos, torna-se possível inferir que a convivência intergeracional em espaços educativos pode modificar as representações sociais tanto das pessoas idosas como daquelas mais jovens que ali convivem.

Uma outra interpretação aos altos escores presentes nas respostas dos professores, se comparados ao dos alunos, pode se referir a uma “idealização” da pessoa idosa ou a uma aproximação ao conceito de “terceira idade” que em si, apesar de trazer



uma nova representação da velhice mais positiva e repleta de possibilidades, carrega também a homogeneização da velhice e do processo de envelhecimento.

Segundo os dados obtidos por meio da *Escala de Expectativas em Relação ao Programa*, para os alunos participantes a frequência no programa alterou de forma significativa a percepção sobre suas capacidades e habilidades cognitivas e sociais, a forma como se relacionam com outras pessoas (mais jovens ou não) e a forma como são percebidos por elas, uma vez que todas as médias das respostas estiveram acima do valor médio.

Quando avaliaram as mudanças em sua auto-imagem, os alunos também responderam que depois de frequentar a UNATI perceberam-se mais confiantes em sua capacidade, mais respeitados e valorizados.

As respostas dos professores aqui também foram mais positivas que a avaliação expressa pelos alunos idosos, contudo, com valores bastante próximos, o que, sem soma, pode indicar a existência de consonância entre as expectativas dos alunos e o planejamento de objetivos e a compreensão do alcance das atividades desenvolvidas pelos professores.

Na questão da aprendizagem, os idosos também pareceram ter indicado mais claramente suas dificuldades que os professores, além da necessidade de modificações em alguns aspectos didáticos das atividades oferecidas pelo programa para atender as suas especificidades educacionais.

Já os professores, pela visão mais otimista da velhice indicaram menos dificuldades que os alunos no processo de aprendizagem e, por consequência, necessidades menores de modificações no ensino ou desenvolvimento das atividades.

A educação na velhice, para os participantes de ambos os grupos, pareceu também considerar as diferenças existentes no processo que ocorre nessa fase da vida ao que ocorre em diferentes outros contextos, especialmente pela não consideração da UNATI enquanto um espaço que deve seguir o modelo formal de educação e representar uma oportunidade educativa compensatória. Ao contrário a UNATI deve ser um espaço de manifestação dos saberes dos idosos (representados pelas tão presentes

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

características “*sabedoria*” e “*experiência de vida*”) e construção de novos conhecimentos junto aos ensinamentos que os professores também oferecem a eles.

Este posicionamento observado nos dados, foi analisado segundo a perspectiva histórico-cultural de compreensão do processo de aprendizagem e desenvolvimento, a qual norteou as reflexões deste trabalho, proporcionando uma nova possibilidade de análise de tais fenômenos nesta e em qualquer outra fase da vida do ser humano.

As particularidades do ensino e da aprendizagem na velhice, precisam ser compreendidas mais que somente pela consideração dos possíveis declínios que algumas funções psicológicas podem sofrer com o passar dos anos.

Considerando que todas as funções psicológicas tipicamente humanas têm origens socioculturais, estas não podem ser consideradas a priori ou dissociadamente do desenvolvimento sócio-histórico e cultural e somente atreladas a marcadores etários e biológicos.

Para Vygotsky, uma dificuldade para realizar uma operação mental, por exemplo, mesmo que envolva limitações orgânicas não pode ser reduzida aos seus componentes biológicos. É necessário considerar nestes casos, especialmente, as consequências psicossociais geradas por tais dificuldades, as quais podem acentuar, aumentar e consolidar tais dificuldades (Pino, 2000).

A partir destes apontamentos, é possível voltar à compreensão do processo de ensino e aprendizagem direcionado à pessoa idosa.

Como ainda são, em muitas das vezes, direcionadas às crianças (especialmente àquelas que aprendem de forma considerada “homogênea”), as práticas educacionais acabam por criar barreiras físicas, educacionais e atitudinais para a participação de pessoas que, de alguma maneira, não estão dentro deste pequeno grupo eleito como aprendizes ideais.

Mesmo considerando que a educação possui fundamentos básicos que se aplicam a todos os indivíduos, independente de sua faixa etária, na educação do idoso é preciso levar em conta, o que escreve Oliveira (1999) sobre a educação de adultos e idosos.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Eles trazem consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados, reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmos e sobre as outras pessoas, além de diferentes habilidades e dificuldades.

Retoma-se, neste ponto também, aos dois conceitos-chaves da teoria - Nível de Desenvolvimento Real e Zona de Desenvolvimento Proximal e, por consequência, à importância e necessidade do processo educacional ser organizado a partir dos conhecimentos que os alunos já possuem em direção à estágios mais complexos de interação, comportamento e funcionamento intelectual.

Assim, do ponto de vista educacional, é de extrema importância que os conhecimentos e habilidades já desenvolvidas pelos idosos sejam considerados nas atividades propostas pelas UNATIs e que dessa maneira, elas possam “empurrar” o desenvolvimento e colocar em movimento vários processos psíquicos que, de outra maneira, seriam impossíveis de acontecer.

Além de garantir significado aos conteúdos apreendidos pelos alunos, a aprendizagem quando efetivamente organiza novas funções psíquicas, a partir daquelas já existentes, permite aos aprendizes desenvolverem-se e apropriarem-se de novas formas de conhecimento e, através disso, adquirirão novos modos de pensamento e ultrapassarão os limites do seu desenvolvimento natural.

Com relação à contraposição entre lazer e educação nas propostas da UNATI, entende-se que nesses espaços é preciso agregá-las em planejamentos que sejam capazes de, através de atividades prazerosas, apontar para uma perspectiva de avanço social e emergência de ações autônomas resultantes de processos reflexivos (Freitas, 2002).

A participação dos alunos no planejamento de tais atividades, nesse sentido, é essencial para que elas sejam pertinentes aos seus anseios e ultrapassem a condição de simples ocupação do tempo livre.

Antes de finalizar este texto, contudo, é necessário esclarecer que neste trabalho não se pretendeu aproximar as propostas da educação no contexto das UNATIs à educação formal presente na Educação Escolar. Buscou-se sim, reconhecer as características educativas presentes nesses espaços, assim como presentes também em



tantas outras esferas da prática social em que existe a ampliação, produção e disseminação de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceitos, habilidades, hábitos, procedimentos, crenças e atitudes) (LIBÂNEO, 2001).

Sendo, portanto, uma prática educativa, as atividades desenvolvidas nas UNATIs precisam ser pensadas também, necessariamente, em termos de seus interesses, objetivos e modos de ação – para que, porquê e como.

Nesse sentido, compreender as representações sociais daqueles que compõem o programa foi o passo inicial para o entendimento dessas questões mais amplas, sobre as quais se edificam as propostas direcionadas aos idosos.

A Teoria das Representações Sociais serviu como modelo teórico e metodológico de análise dos dados obtidos nesta pesquisa, por meio de diferentes instrumentos de coleta, e permitiu conhecer a formação do universo de pensamento de professores e alunos, a partir das relações sociais estabelecidas por estes e pela associação de elementos subjetivos.

A possibilidade de transformação das representações sociais pela ancoragem de novos elementos não familiares a um núcleo central estável, que se dá pela experiência do indivíduo em novos contextos, nos quais estabelece novas e diferentes relações sociais, foi o eixo condutor das análises deste estudo.

Através dele foi possível olhar para os resultados da pesquisa buscando elementos que pudessem auxiliar na compreensão de desenvolvimento e aprendizagem na velhice através dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural e chegar também próximo do conceito e dos já amplamente comprovados benefícios da Intergeracionalidade (Ferrigno, 2003).

Em síntese, estes foram alguns dos possíveis apontamentos que emergiram da análise das Representações Sociais de professores e alunos de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. Sobretudo, é necessário ainda enfatizar, ao término deste estudo, os grandes benefícios alcançados por propostas como estas (e descritos nas respostas dos participantes) que, ao proporcionar o convívio de pessoas com idades e histórias de vida tão diferentes, possibilitam também a criação de vínculos afetivos entre eles e a descoberta de novas e, principalmente, de diversas formas de ser.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Certamente, ao compartilhar experiências e conviver nesses ambientes, novas representações sobre a velhice e a educação vão sendo elaboradas por jovens e idosos e assim, novas práticas sociais que combatam o preconceito etário e busquem uma sociedade mais justa e tolerante vão sendo igualmente construídas.

Referências

- Bardin, L. (2007). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições
- Cachioni, M. (1999). *Envelhecimento bem-sucedido e participação em uma Universidade Aberta à Terceira Idade: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
- Debert, G. G. (1996). As representações sociais (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. Ministério da Previdência e Assistência Social. *Anais do I Seminário Internacional. Envelhecimento populacional: uma agenda para final de século*. Brasília
- Ferrigno, J. C. (2003). *Co-educação entre gerações*. São Paulo: SESC
- Freitas, E. V. (2002) *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan
- Goldman, S. N. (1999). Envelhecimento e Educação Permanente: uma pedagogia específica do idoso? *Revista Kairós*, São Paulo, 2, 27-43.
- Jodelet, D. (199). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ
- Libâneo, J. C. (2001). Pedagogia e pedagogos. Inquietações e buscas. *Educar*. Curitiba, 17, 153-176
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar
- Neri, A. L. (2001) *Envelhecer num País de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Tese de Livre Docência – Universidade de Campinas – UNICAMP
- Neri, A. L. (Org) (2001). *Maturidade e Velhice*. Campinas: Papyrus
- Oliveira, M. K. (1999). Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *Anais do XXII Reunião Anual da ANPEd*, Caxambu
- Pino, A. (2000) O social e o cultural na obra de Lev. S. Vigotski. *Educação e Sociedade*, 21 (71), 45-78

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Venturini, G., Bokany, V. (2007). A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: A. L. Neri. A. L. (Org). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e perspectivas na Terceira Idade*. São Paulo: Editora Perseu Abramo

Vygotsky, L. S. (1994). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes

Vygotsky, L. S. (1997) *Fundamentos da Defectologia*. Madrid: Visor